

LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO: A HORA E A VEZ DA LEITURA

FERREIRA, Gislene Pires de Camargos¹

PINHO, Maria José de²

ATAIDE, Denyse Mota da Silva³

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras – Mestrado em Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína. Professora da Educação Básica – j <gislencamargos@yahoo.com.br>.

²Professora Adjunta da UFT – Universidade Federal do Tocantins, Campus de Palmas. <mjpgon@uft.edu.br>.

³Mestranda do PPGL - Programa de Pós Graduação em Letras – Mestrado em Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins Campus de Araguaína. Professora e Coordenadora Pedagógica de Pós-Graduação do CESTEP-TO. <denyse@cestep.com.br>.

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo problematizar e analisar a Hora da Leitura e o PPP – Projeto Político Pedagógico de uma Escola de Tempo Integral em Palmas, capital do Tocantins. Nesta escola os alunos permanecem 9 horas no espaço escolar, tendo aulas com horários específicos para a “Hora da Leitura”. Sendo assim, buscamos responder aos seguintes questionamentos: como acontece a “Hora da Leitura” numa Escola de Tempo Integral? Qual o papel da “Hora da Leitura” na formação de leitores? Além disso, buscamos identificar no PPP elementos que identifiquem as práticas de letramento de textos literários capazes de formar leitores competentes. Percebemos que o letramento literário permeia a formação de leitores nesta unidade escolar.

Palavras-chave: Letramento Literário. Escola de Tempo Integral. Hora da Leitura.

ABSTRACT

This article aims to discuss and analyze the Time of Reading and the PPP – Pedagogical and Political Project of a full time school in Palmas, capital of Tocantins. In this school student stay in it for nine hours, taking classes with specific times for the "Reading Time". Thus we seek to answer the following questions: how does the "Reading Time" happen at a Full-Time School? What is the role of "Reading Time" in the formation of readers? Furthermore, we seek to identify in the PPP, elements that identify the practices of the literary texts literacy capable to form competent readers.

Keywords: Literary Literacy. Full-Time School. Time of Reading.

1 INTRODUÇÃO

A teoria aristotélica pressupõe a literatura como a arte da palavra, que tem como característica primeira a imitação. Para Aristóteles o poeta narra o que poderia ter acontecido, e não o que aconteceu, o possível, de acordo com a verossimilhança. (ARISTÓTELES, 1969). O filósofo grego ressalta que é natural e instintiva a imitação no ser humano e que é através dela que acontece a aprendizagem e o prazer estético que promovem o letramento literário.

Buscamos retratar a literatura, lembrando o caráter polissêmico e a grande dificuldade apontada por inúmeros estudiosos em conceituar tal palavra. Inicialmente recorreremos à origem etimológica da palavra:

Literatura vem de letras, ae, que significa letra em latim e dá origem à palavra literatura, ciência relativa às letras, arte de ler e escrever. Daí sua relação, desde os clássicos, com a cultura letrada, portanto limitada aos segmentos da sociedade que têm acesso à escrita, por suas condições econômicas privilegiadas. Nesse sentido, literatura está ligada ao poder e ao prestígio das classes dominantes e é conservada na medida em que expressa a visão do mundo e os interesses dessas camadas (AGUIAR, 2007, p. 17).

Rangel (2005) destaca a grande importância do papel da literatura e do letramento literário no processo educacional, principalmente no ensino fundamental onde se faz necessária a formação de leitores.

Letramento literário é definido também como ferramenta para “[...] formar um leitor para quem o texto é objeto de intenso desejo, para quem a leitura é parte indissociável do jeito de ser e de viver” (RANGEL, 2005, p. 137-138), o que vai ao encontro do que propaga Soares, ou seja, que o letramento literário precisa se configurar por intermédio de uma leitura “[...] que se realiza pelo desejo, pela espontaneidade, pela ausência de controles e satisfações devidas” (SOARES, apud CORREA, 2005, p.72).

Vale ressaltar que a literatura nos leva, realmente a vivenciar, (re)significar, (re)produzir e (re)construir situações e fatos permeados pela subjetividade, emoções, ludicidade, pelo estético e pelo sensível. Não se pode negar também o seu importante papel na construção de atitudes morais e éticas na promoção da construção do conhecimento e da cidadania.

Nesse sentido, a literatura e o letramento literário devem assegurar, especialmente, a função estética, que desperta e intensifica a sensibilidade e provoca sensações prazerosas, possibilitando ao educando o aguçamento e o refinamento da sensibilidade, da imaginação e especialmente da fruição estética e do prazer de ler.

Para Soares, letramento é “[...] o conjunto de práticas socialmente construídas que envolvem a leitura e a escrita, gerados por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar ou questionar valores e formas de distribuição de poder presentes nos contextos sociais. (SOARES, 1998, p. 98).

Cosson conceitua o ensino da literatura como “[...] processo de formação de um leitor capaz de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura, identificando, adaptando ou construindo um lugar para si mesmo” (COSSON, 2007, p. 120). Para esse autor:

[...] o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, (...) mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2007, p. 23).

Dessa forma o autor destaca que o letramento literário precisa acompanhar, por um lado, as três etapas do processo de leitura (antecipação, decifração e interpretação) e, por outro, o saber literário, sendo a literatura uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem: da literatura (experenciar o mundo por meio da palavra); sobre literatura (conhecimentos da história, teoria e crítica); por meio da literatura (saberes e habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários).

Cumpra ressaltar que Cosson (2007) indica essa escolarização da literatura voltada especialmente para o ensino médio. Sendo assim, indagamos: será que tal metodologia seria pertinente para as séries finais do ensino fundamental? Insistimos nesse questionamento porque o objetivo principal desse estágio da pesquisa é a formação de leitores tendo como foco textos literários. E acreditamos que essa formação de leitores pressupõe, essencialmente, a leitura pelo prazer e pela fruição estética.

Com efeito, a primeira fase do letramento literário deve ser marcada pela diversidade nas escolhas dos livros, sem discriminação ou qualquer tipo de preconceito. Corroborando nesse sentido Magalhães aponta que:

[...] é preciso considerar que se está trabalhando a sensibilidade, e sensibilidade ou senso estético é um construto cujo percurso e ritmo são únicos para cada pessoa. Respeitar isso significa aceitar todos os tipos de textos literários, desde que proporcionem prazer estético, ou seja, que deleite o leitor. (MAGALHÃES, 2008, p. 125).

Ademais, o tipo de conhecimento apreendido pela estética acontece no percurso da conjunção do sujeito com o mundo, provocando um “sentir” imediato do corpo que, sensivelmente, promove o deslocamento do sujeito de seus parâmetros, de suas certezas, para fazê-lo viver, no instante mesmo em que ocorre o evento, no tempo de sua duração, uma expansão sensorial que promove o seu construir significação.

2 A ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL E SEU PPP: O “LUGAR DA HORA DA LEITURA” EM PERSPECTIVA

A Escola de Tempo Integral (ETI) objeto desse estudo, atende, em período integral, 1.164 educandos do ensino fundamental, onde estes permanecem por 9 horas, sendo 4 horas com as disciplinas do Currículo Básico, que são cumpridas em sala de aula com as disciplinas do Núcleo Comum e parte diversificada; quarenta minutos divididos em dois tempos de 20 minutos de intervalo; uma hora de almoço e três horas e vinte minutos para as atividades da parte diversificada do currículo (natação, dança, estudo dirigido etc.)

Ao analisarmos o que dispõe o PPP dessa instituição sobre o currículo escolar, percebemos que suas diretrizes vão ao encontro das normas e teorias vigentes sobre a formação integral do educando e contemplam a inter e transdisciplinaridade e a formação de pesquisadores e leitores.

De acordo com o PPP dessa Unidade Escolar é importante ressaltar que a Hora da Leitura irá ampliar e intensificar as ações já desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa. Assim, sua finalidade é:

Desenvolver atitudes e procedimentos que os leitores assíduos adquirem a partir da prática; Propiciar um intenso e sistematizado contato dos alunos com diferentes gêneros textuais, especialmente no que se refere ao ler para apreciar/fruir e para conhecer; Possibilitar aos alunos do ensino fundamental momentos para saborear e compartilhar as idéias de autores da literatura universal, em especial da literatura brasileira; Utilizar diferentes procedimentos didáticos que seduzam os alunos para leitura; Otimizar a utilização do acervo existente na escola. (PPP, 2006, p.173).

Os objetivos da Hora da Leitura acima citados apontam que essa escola parece comprometida e procura privilegiar o letramento literário em suas diversas ações pedagógicas. É possível também reconhecer características que evidenciam que a Hora da Leitura está voltada tanto para a escolarização e didatização da literatura

como também para a leitura de livre escolha que atende ao desejo permeada pelo prazer e fruição estética.

2.1 Diálogos entre “A Hora da Leitura” e algumas correntes teóricas: analisando o Projeto Político Pedagógico da Escola

As aulas da Hora da Leitura acontecem na biblioteca da escola, num ambiente amplo, confortável, com várias mesas e cadeiras distribuídas de forma harmônica e um considerável acervo bibliográfico, estimado em 4.000 títulos. São as professoras e os alunos que se deslocam até esse ambiente (biblioteca) onde acontecem, ou melhor, aconteceram as aulas observadas. A primeira aula inicia-se às 7h30 com término às 8h30. Os participantes são alunos do nono ano e a professora que acompanha as turmas é a mesma que ministra a disciplina de Português.

Observamos que a professora estava trabalhando o material das Olimpíadas de Língua Portuguesa, sendo que os alunos estavam estudando sobre crônicas. Neste momento, ela solicita que eles escolham dentre vários livros com crônicas dispostos numa das mesas. Alguns lêem, outros conversam e atrapalham os colegas. A professora, então, começa a fazer a avaliação de cada um. O método utilizado para conduzir esta atividade na biblioteca é leitura silenciosa, com anotações sobre o autor e a obra lida.

Durante a aula da “Hora da Leitura” tem um momento em que os alunos iniciam uma leitura de Machado de Assis. Inicia-se então um momento de agitação que atrapalha o andamento da aula comprometendo a concentração necessária para o bom andamento das atividades. A professora reclama, mas justifica dizendo que os alunos não gostam de ler Machado de Assis, nem José de Alencar. Todavia, ela admite que seja importante tal leitura porque posteriormente serão cobradas essas leituras nos vestibulares.

A reclamação da professora vem ao encontro da afirmação de vários autores no que se refere à repulsão da grande maioria dos adolescentes em relação à literatura canônica, por exemplo. (MAGALHÃES, 2008).

Segundo Magalhães (2008), a metodologia da livre escolha das crônicas a serem lidas pelos discentes é pertinente para a formação de leitores. No entanto, no decorrer do desenvolvimento desta Hora da Leitura, ficou evidente um “certo distanciamento” entre o que dizem os autores e a prática docente da professora, notadamente no que diz respeito ao estímulo à subjetividade, à criatividade, ao prazer pela leitura e à fruição estética.

Para Pereira (2007) o letramento literário deve vir ao encontro da expressão livre, da imaginação e catarse, desenhada entre o possível, o impossível, do vivido e do devir, desconstruindo os modelos corriqueiros e possibilitando o círculo mágico do prazer, absorvendo completamente o jogador-leitor como objeto de intenso prazer e atração.

Em relação ao que Cosson (2007) diz sobre o letramento literário como prática social e, conseqüentemente, responsabilidade da escola, podemos perceber que a escola tenta desempenhar bem o seu papel. O que não podemos afirmar ainda é até que ponto a escola, juntamente com suas aulas de português, hora da leitura e demais oficinas, e principalmente com seu PPP, que prioriza a formação de leitores e enfatiza o papel preponderante desta escola nesta tarefa educacional e social, está conseguindo desempenhar o seu papel. Tais questões continuarão norteando nosso trabalho e nos instigando durante todo o processo da pesquisa.

Em relação ao que diz Cosson (2007), acerca da didatização e ou escolarização da literatura, é possível afirmar que a escola estudada, juntamente com sua professora,

estão imbuídas nesse propósito, pois constatamos que a mesma está trabalhando o material das Olimpíadas de Língua Portuguesa, estudando sobre crônicas como material didático para as aulas de português.

Assim sendo, é perceptível afirmar que está acontecendo a escolarização da literatura pela escola, conforme priorizado no PPP dessa escola. Cosson (2007, p. 23), preconiza sobre “[...] como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização”. Todavia, percebemos que a professora está tentando fazer essa escolarização da melhor forma possível, porém tal escolarização poderia ser feita de forma mais lúdica e criativa que levasse em conta a subjetividade e o prazer pela fruição estética conforme apontam Pereira (2007) e Magalhães (2008), numa tentativa de aproximação entre a literatura e o jogo.

Levando-se em conta tais direções teóricas, a principal e primeira função do letramento literário é “encantar”, primeiro passo para formar leitores em que a literatura torne-se um objeto de intenso desejo e grande interesse. Nessa perspectiva, letramento literário se refere à aquisição de competências e habilidades que formam o hábito de ler, ou melhor, o desejo e o prazer em ler, a autonomia e a fruição estética.

Nesse contexto, é pertinente afirmar que existem dois aspectos diferentes do letramento literário: um voltado para o “sentir” e outro para o “racionalizar” o texto, o que favorece tipos diferentes de leitura. Para Baudelot, Cartier e Detrez, *apud*, Faria (2005, p. 15-16), “[...] os tipos de leitura podem ser: comum e comprometida. A primeira é marcada pela afetividade entre leitor e obra, já a segunda requer um trabalho em reconhecer os princípios que integram a literariedade do texto”. A comum, por intermédio da leitura, o leitor realça sua subjetividade. Na comprometida, trabalha o texto com racionalidade, esmiuçando-o com o objetivo de identificar os traços da literatura no tempo e no espaço.

Nessa perspectiva, Lins (1974, p. 155) *apud* Camargo (2009, p. 26), assegura que “[...] a obra literária só se realiza no ato da leitura, pois tal ‘leitor não é apenas o correlativo do ato de escrever: ele conforma e amplia o significado intrínseco da obra’”. Sendo assim, “[...] o leitor, no ato da leitura, ao desvendar os múltiplos significados do texto, participa do processo de construção do sentido da obra, ora seguindo as trilhas deixadas pelo autor, ora desbravando os seus próprios caminhos pela selva romanesca. (CAMARGO, 2009, p. 26).

Seguindo essa tendência, Branco faz referência a duas categorias: a leitura de/da literatura, feita pelo leitor amador, e a leitura literária, realizada pelo leitor especializado; ligadas, a primeira, à livre produção de sentidos legítimos e, a segunda, à decodificação “[...] dos aspectos específicos dos textos em causa, em determinados contextos especializados” (BRANCO, *apud* MAGALHÃES, 2008, p. 32).

Nesse sentido, surge a interrogação: Quando e como inserir esses tipos de leitura no processo de letramento literário? Certamente, não há necessidade de separá-las, pois ao lermos um texto literário, estamos introduzindo saberes sobre sua especificidade. Apesar disso, mesmo que os dois aspectos do letramento literário aconteçam ao mesmo tempo, é papel da escola, no ensino fundamental, priorizar o prazer da leitura, para que, assim, o hábito da leitura seja natural e espontâneo. Hábito este voltado para o desejo e prazer pela leitura, o alargamento da sensibilidade, da criatividade, da imaginação e da fruição estética.

Mas, afinal, o que é um texto literário capaz de proporcionar prazer, incitar a fruição estética? Segundo Barthes (1987 p. 21-22):

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, da euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura.
Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta

(talvez até certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (grifo do autor).

Ademais, o prazer do texto nos remete ao conforto, ao dizível e ao prazer fácil. Sendo denominado como texto tagarela (Barthes, 1987), tendo como característica a espuma de linguagem, a superficialidade que não desestabiliza, que vai ao encontro da doxa (opinião). Já o texto de fruição não diz, é indizível, provoca desvanecimento, gozo, vai cativando o leitor com suas várias linguagens, subjetividade e leva à posse, uso e fruto do texto. Enfim, enreda o leitor pelas fendas criadas pelo escritor. Fendas essas que levam a espaços de fruição através da linguagem, provocando um jogo entre texto e leitor e o desfrute, sendo designado pelo autor com texto coquete. Este texto é imprevisível, seduz o leitor, aponta para o novo, amplia os seus horizontes, rompe com a doxa, é paradoxal, é contestação. Enfim, ao contrário do texto tagarela, leva o leitor a uma transformação e a um rompimento com a cultura.

Nesse sentido, percebemos que no PPP desta escola de Tempo Integral, nas doze aulas de leitura observadas, as conversas informais com as professoras e com a coordenadora da biblioteca apontam tanto para textos de prazer (geralmente leituras de livre escolha) quanto para textos de fruição mediados pelas professoras informantes.

Não obstante, no que concerne à leitura e à pesquisa o PPP da escola indica que:

Cada conteúdo ou prática curricular deve ter como objetivo explícito e implícito, a formação de leitores competentes e o estímulo à pesquisa. A leitura aqui é entendida não como mera decodificação dos signos, mas como leitura interativa em que a pessoa desenvolve competências, tais como a interpretação e a confrontação, indo além do aparente e desmistificando intenções. (PPP, 2006, p. 21).

Percebemos que o texto descrito abarca a grande importância de formar leitores em consonância com o que Barthes (1987) conceitua como texto de fruição, ou seja, aquele que possibilita ao leitor penetrar em suas fendas, indo além do escrito, mergulhar nas entrelinhas e dialogar com a ausência de nomeação confrontando ideologias e culturas, propiciando assim a comunhão entre texto e leitor e, conseqüentemente, a apropriação do leitor sobre o texto num processo dialógico e transformador do sujeito e da sua realidade cultural e social.

Essa conotação de literatura propõe um espaço da pluralidade, do dialogismo, do acolhimento da alteridade como tão bem retrata Bakhtin (1981, 1983). Ademais, se a cultura é um hipertexto em que cada texto é um nó que pode conter redes inteiras (Lèvy, 1993), não há como pensar a formação de leitores mantendo a ancoragem de identidades culturais e privilegiando apenas textos de prazer e que não rompem com a cultura do leitor. É imprescindível que se busque caminhos, nos quais a escola possibilite espaços para a leitura literária, numa perspectiva lúdica, marcada pelo desejo, fonte de prazer e fruição.

Nesse sentido, é importante citar o que diz Soares (2008, p. 19-20):

Uma primeira perspectiva assumida do ponto de vista da responsabilidade social, considera o acesso à leitura – entendido este como a possibilidade de leitura e o direito à leitura – uma condição para uma plena democracia cultural, porque desta faz parte, ou desta deve fazer parte, uma distribuição equitativa das possibilidades de leitura e do direito à leitura.

Salientamos que a Escola de Tempo Integral em estudo situa-se na periferia, norte de Palmas e atende, principalmente, a crianças e jovens oriundos das camadas menos favorecidas e que a mesma oportuniza acesso aos bens culturais no seu

ambiente educacional. Além de sua biblioteca e de seu acervo de livros, a escola oferece, também, acesso a outros bens artísticos, culturais, esportivos e cognitivos, tais como: música, artes, flauta, coral, teatro, anfiteatro, laboratórios de informática, de ciências, e de matemática, piscinas semi-olímpicas, quadra esportiva etc.

Com efeito, é possível visualizar a presença marcante desses bens por toda escola durante todo o tempo, em uma profusão de cores, de movimentos, de sons, de instrumentos musicais, de materiais sendo reciclados para a decoração de Natal da escola, de eventos artísticos e educacionais que permeiam todo o fazer pedagógico.

Sabemos que o ambiente escolar é por excelência um espaço complexo, porém esta Escola de Tempo Integral é de uma complexidade ímpar que nos enche os olhos, o corpo inteiro. A alma e o espírito ficam impregnados de arte, de literatura, de música, de emoção, de lágrimas e de uma sensação prazerosa de que é possível reinventar e reencantar a educação pública e, não obstante, formar leitores. Não apenas leitores de literatura, mais leitores de mundo numa perspectiva freiriana. Leitores capazes de ler o mundo, as palavras, a si mesmo, ao outro, indo ainda mais além, lendo a natureza, o planeta e o cosmo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos problematizar e analisar a “Hora da Leitura” e o PPP de uma Escola de Tempo Integral em Palmas, capital do Tocantins e chegamos, ao final do caminho trilhado, a algumas (in) conclusões. Verificamos que o PPP desta unidade escolar vai ao encontro da formação de leitores, deixando claro que a Hora da Leitura contemplada na matriz curricular possui horário específico garantido em sua carga horária. Além disso, este documento aponta a leitura literária como fator determinante no processo de formação de leitores, pois assegura a leitura entendida não como mera decodificação dos signos, mas como leitura interativa, onde o espaço para interpretação e confrontação possibilita a transformação do educando, por intermédio da fruição estética.

Ao longo das aulas da “Hora da Leitura” observadas, pudemos perceber que o local onde estas acontecem é adequado e que o acervo oferecido atende ao objetivo de formar leitores de literatura, sendo que as professoras informantes possuem formação acadêmica adequada para ministrar tal disciplina.

Ademais, durante as aulas observadas, evidenciamos que as professoras tentam despertar o gosto e o prazer pela leitura, porém ressaltamos que no decorrer das aulas observadas ficou evidente “um certo distanciamento” entre o que dizem alguns autores e a prática observada no que se refere ao estímulo à subjetividade, à criatividade, ao prazer pela leitura e à fruição estética, pois constantemente a professora enfatizava e cobrava a participação por intermédio de uma suposta avaliação pontual.

Acreditamos, ao (in)concluir este trabalho, que não esgotamos o assunto formação de leitores de literatura numa escola de Tempo Integral, pois esse não era nosso objetivo. Esperamos, sim, ter semeado algumas idéias que possam vir ao encontro da formação de leitores numa perspectiva em que a literatura tenha um papel preponderante na democratização do ser humano, evidenciando o homem e a sociedade com toda sua complexidade e alteridade, tornando-nos mais tolerantes e compreensivos rumo a uma democracia cultural.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Euro-América, 1969.

AZEVEDO, Ricardo. A didatização e a precária divisão de pessoas em faixas etárias: dois fatores no processo de (não) formação de leitores. In: PAIVA, Aparecida et al.(Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BARTHES, H. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRANCO, António. Da “leitura literária escolar” à “leitura escolar de/da literatura”: poder e participação. In: PAIVA, A. et al. (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

CAMARGO, Flávio Pereira. **Nas Trilhas da Poética de Osman Lins**. Goiânia: Ed. UCG, 2009.

CORRÊA, Hércules Toledo. Adolescentes leitores: eles ainda existem. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

FARIA, Maria Alice. **Parâmetros curriculares e literatura**. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2005.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade**. História, teoria e pesquisa. 16. ed. Rio de Janeiro: Papyrus, 2009.

GREIMAS, A. J. **Da Imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

JAPIASSU, H. **O sonho transdisciplinar e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MAGALHÃES, Hilda Gomes. Dutra. A importância das leituras de livre escolha na formação do leitor. **Via Atlântica/USP**, São Paulo, 14: 119-128, dez. 2008.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2008.

PEREIRA, M. A. Jogos de linguagem, redes de sentido: leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida et al.(Orgs.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PINHO, M. J. **Políticas de formação de professores: intenção e realidade**. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.

RANGEL, E. O. Letramento literário e livro didático de língua portuguesa: os amores difíceis. In: PAIVA, Aparecida et al.(Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Leitura e Democracia Cultural. In: PAIVA, A. et. all. **Democratizando a Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VERSANINI, Zélia. Escolhas literárias e julgamento e valor por leitores jovens. In: PAIVA, Aparecida. et al.(Orgs). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces- o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

Data de envio: 21.06.2011

Data de aceite: 05.10.2011

REVISTA CEREUS 

Av. Pará, quadra 20, lote 01 nº 2432 - Telefone: (63) 3612-7602

Bairro Engenheiro Waldir Lins II. Gurupi - TO CEP: 77402-110.

E-mail: revistacereus@unirg.edu.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO UnirG 

Av. Guanabara, quadra 326, lote 11, nº 1500, Telefone: (63) 3612-7619.

Centro. Gurupi-TO Cep: 77403-080

<www.unirg.edu.br>.